

## MULHERES NEGRAS ERGUENDO A VOZ

**Livia Maria Costa Sousa**

(UFBA – Doutoranda)

### INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

**Livia Maria Costa Sousa** é licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – Campus I, mestra em Literatura e Cultura pelo PPGLitCult da Universidade Federal da Bahia e doutoranda em Literatura e Cultura também pelo PPGLitCult da Universidade Federal da Bahia. E-mail: [livia.mariaa@hotmail.com](mailto:livia.mariaa@hotmail.com).

RESUMO	ABSTRACT
O objetivo deste ensaio é refletir sobre as produções negras africanas e afrodiáspóricas, as violências representacionais experienciadas pelas pessoas negras e a forma como suas produções requerem instrumentos analíticos que extrapolam os forjados pela tradição literária hegemônica. Para tanto, novos operadores analíticos emergem, muitas vezes conjuntamente às produções literárias. O espaço da escrita entre mulheres negras é uma manifestação contradiscursiva e um significativo exercício de autonegação e “erguimento” de voz, processos importantes que vamos analisar neste texto.	The aim of this essay is to reflect on black African and afrodiásporic productions, the representational violence experienced by black people and the way their productions require analytical instruments that go beyond those forged by the hegemonic literary tradition. To this end, new analytical operators emerge, often together with literary productions. The writing among black women is a counter-discursive manifestation and a significant exercise in self-nomination and voice “raising”, which is, by its turn, an important process that we will analyze through this text.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Escrita de mulheres negras; Literatura Negra; Erguer a voz; resistência	Writing by black women; Black Literature; Raise your voice; resistance

## INTRODUÇÃO

Debruçar-se teórica e criticamente na escrita de mulheres negras é um significativo exercício de desrecalque de sentidos comumente invisibilizados e estigmatizados por um pensamento paradigmático monolítico e excludente. É este, destarte, um espaço de devir, de desdobramento da diferença, de multiplicidades, em contraponto ao pensamento unificante europeu. Considerando que este recalçamento e subalternização (SPIVAK, 2010) forja a violência epistêmica, é fundamental pensarmos como a utilização de alguns operadores discursivos e teóricos podem nos servir de contraponto a esta lógica epistemicida. É dentro desta perspectiva que o conceito teórico "escrevivência", desenvolvido pela escritora, pesquisadora e professora brasileira Conceição Evaristo, ora será utilizado para se pensar a forma como a autoria negra feminina, mesmo sendo fruto de uma experiência pessoal e singular de cada sujeito, passa também por um processo de agenciamento<sup>1</sup> coletivo de enunciação daqueles que viveram secularmente o silenciamento. Ademais, a escrita de mulheres negras é composta por textos que requerem especificidade na composição de estudos teóricos para fins de análise, e, por vezes, em seu próprio corpo textual é possível forjar uma noção teórica que possa ser lida como um operador teórico, desse modo, para além de contrapor o hegemônico, buscar novos instrumentos analíticos é também um mecanismo de coerência e justeza interpretativa a estes escritos e suas cosmovisões.

## 1 A AUTORIA NEGRA: POR UMA DICÇÃO PRÓPRIA

O conceito teórico "escrevivência" é um dos exemplos mais notórios de que a autoria negra tem dicções específicas teóricas e críticas que transpõem os conceitos representacionais hegemônicos da teoria literária tradicional, não se subordinando à lógica eurocêntrica e hegemônica de mimese, verossimilhança, real etc. É nesse contexto que evocamos o sentido de "expressão", proposto por Deleuze e Guatarri (1995), por ser uma oposição ao sentido representacional, não só por negá-lo, mas sobretudo por transpô-lo e conceber outras cosmovisões que perpassam a oposição dicotômica entre ficção e realidade – elementos imanentes da ideia de representação (SOUZA, 2018, p. 25). A escrevivência é, desse modo, uma das formas de expressão da escrita negra contemporânea, pois o que comporta em sua escrita está longe do meramente representacional, mas incorpora em suas manifestações aquilo que sempre lhe foi recalcado. A professora e pesquisadora Livia Natália (2018, p. 26) ressalta que a categoria teórica "expressão" é importante porque seus discursos podem agenciar a fala silenciada da coletividade da qual estes sujeitos fazem parte. Nessa lógica, os escritores negros e

negras não estão sublimando a vida pela escrita, mas expressando, “comprometendo a vida com a escrita e a escrita com a vida” (EVARISTO, 2007, p. 16). Sobre isso, Livia Natália vai sinalizar que, uma vez que Evaristo suplanta o sentido representacional e debruça a discussão para o comprometimento com a vida, ela:

revela o limite do universo representacional que se orgulha por lustrar as potencialidades da vida quando, pela expressão das escritas menores (Deleuze; Guatarri, 1995), a vida aparece reequalizada, repensada, inclusive, nas suas diferenças, sublinhando como, dentro dos poderes maiores, os menores se inscrevem: “Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos” (SOUZA, 2018, p. 35).

Ao refletir sobre o comprometimento da vida na escrita e a escrita na vida, a escritora moçambicana Paulina Chiziane (informação verbal)<sup>1</sup> defende que a potência das palavras de uma mulher negra é capaz de “construir novos mundos”, edificando “uma sociedade mais humanizada”, “um novo humanismo”, o que nos recorda bell hooks (2019, p. 73), quando afirma que “a linguagem é também um lugar de luta”. A escritora moçambicana ressalta o quanto ela, mulher negra escritora, já foi contestada, diminuída em seu ofício por não atender ao “estatuto social” exigível a um escritor (hegemônico), mas quão importante foi para ela e outras mulheres transgredir essa opressão, e como a escrita serviu de consolo, estímulo e liberdade (CHIZIANE, 2018, p. 47). Chiziane destaca também como é difícil, sobretudo para uma escritora mulher e negra, uma rotina de escrita, e o quanto de comprometimento, renúncia e autodoação sempre foram necessários para intercambiar atividade profissional, demandas de casa, familiares e o exercício de escrita para se chegar aos 13 livros atualmente publicados:

sou mulher comprometida com diversas ocupações, tenho emprego, principal fonte de sustento, tenho a cada e a família, e tenho o sonho da escrita por realizar. O trabalho da escrita é mais árduo e solitário. Para escrever, é preciso planificar, arquitetar as ideias, investigar, ler e conversas. Como posso eu harmonizar todas essas ocupações? Falta-me tempo para tudo, é verdade. Mas o que devo fazer? Desistir dos meus sonhos? Quando o trabalho me aperta e as energias se esgotam, perco ânimo sim. Mas são nesses momentos que sinto uma mensagem dentro do peito, reclamando uma publicação urgente. Também sinto que, quando escrevo, uma nova vida me invade. Viajo embalada na emoção do mundo que construo no pedaço de papel. A escrita consola-me, estimula-me... (CHIZIANE, 2018, p. 46-47, grifos nossos).

---

<sup>1</sup> Falas proferidas pela escritora moçambicana Paulina Chiziane, numa mesa intitulada: *a máxima potência que habita as palavras*, na Festa Literária de Cachoeira, na Bahia, em 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NjtH8UQMoJQ&list=PL1IIGArismPM42n7ozPByQwF9pTFwatzhY&index=9>

No período em que escrevia sua primeira obra, *Balada de Amor ao Vento*, em 1990, Paulina Chiziane testemunhava em Moçambique uma rotina de confrontos entre tropas governamentais e revolucionários, que geravam insegurança, medo, sobressalto e fugas repentinas de casa para procurar abrigo em outro lugar, no intuito de proteger-se e a seus filhos, ou ainda iniciar sua escrita durante a madrugada, quando os conflitos cessassem, assim ela descreve na obra *Eu, mulher... por uma nova visão de mundo*:

Escrevi minha primeira obra debaixo de estrondos e ameaças de morte. Publiquei-a. Escrevi a segunda debaixo do mesmo ambiente... Trabalhar numa atmosfera de morte é minha forma de resistir. Ninguém tem o direito de interromper os meus sonhos (CHIZIANE, 2018, p. 50).

Comprometer a vida na escrita e a escrita na vida para nós, mulheres negras, é sobrescrever nossas histórias, subjetividades e olhá-las analiticamente em nossas produções, sendo ainda uma fonte potente para desenvolver também instrumentos analíticos favoráveis a essas histórias, como sinaliza a própria Evaristo, “tudo que escrevo é profundamente marcado pela condição de mulher negra” (informação verbal<sup>2</sup>), para tanto o exercício da escrevivência materializa essa perspectiva e subverte o sentido de representação que tanto nos negou politicamente e historicamente.

## 2 PARA CONTRAPOR ESTE LUGAR DE OBJETIFICAÇÃO

Como já se é amplamente sabido, durante muitos séculos não foi dado aos não-europeus o direito de falar do que lhes era próprio, de se autorrepresentar. Tudo o que era relatado sobre América, África e Ásia entre os séculos XV, XVI e XVII sempre foi comparado com o Ocidente, considerado paradigma de bom, civilizado, racional, assim, o Outro sempre foi lido como exótico, feio, aterrorizante, inferior, irracional. Sobre isso, Florentina Souza vai destacar que

Aos não-europeus não era dada a possibilidade de compor em autoimagens, de falar em respeito de si mesmos e de colocarem-se como sujeito do discurso de representação. Seus perfis e imagens eram construídos pelos europeus que procuravam fixá-los e introjetá-los na mente dos representados. (SOUZA, 2006, p. 52)

O pensamento binário atravessa significativamente a lógica destas formas de opressão, pois revela o modo como a diferença humana é apreendida, neste caso, em categorias opostas, maniqueístas. Patricia Hill Collins vai elucidar como o processo de objetificação é significativa para a composição desse processo de diferenças formadas por



oposição, pois “no pensamento binário, um elemento é objetificado como o Outro e visto como um objeto a ser manipulado e controlado” (COLLINS, 2019, p. 138) e hierarquizado.

Patricia Collins (2019) sinaliza ainda que a base da concepção do Outro é formada pela “mulher africana escravizada” em nossa sociedade, e como ser este Outro baliza ideologicamente as formas de opressão de raça, gênero e classe. Grada Kilomba, por sua vez, destaca que a mulher negra é o “Outro do Outro” (KILOMBA, 2019, p. 56), pois, se a mulher branca é pensada a partir de sua relação com o homem e sob o crivo do olhar masculino – percepção essa que sempre a confinou e a hierarquizou –, a mulher negra “ocupa um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por ser uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade” (*apud* RIBEIRO, 2019, p. 39).

Desse modo, a subalternidade e objetificação destinadas à mulher negra é ainda mais difícil, pois atravessa as escalas de poder dos homens brancos e negros e das mulheres brancas. Não à toa, bell hooks pontua que “como objeto, permanecemos sem voz”, e que “apenas como sujeitos é que podemos falar”, e, para tanto, “toda pessoa tem o direito de definir sua própria realidade, estabelecer sua própria identidade, dar nome a sua própria história” (HOOKS, 2019, p. 45).

Partindo dessa lógica, podemos considerar, ampliando a perspectiva por meio de Fanon (2008), que os escritos afrodiáspóricos são formas de resistência e desvio aos mecanismos de representação de origem europeia, que impôs seus padrões como modelares. É notório também o esforço europeu em desenvolver e condicionar por meio da insistência o estereótipo negativo do negro(a), forjados pela empresa colonial para justificar a dominação. O princípio básico da ordem colonial está fincado na ideia de que se pode diferenciar, separar e hierarquizar as “espécies e subespécies” que, nesse pensamento, compõem e dividem a humanidade. Dentro da lógica do sistema colonialista, as consideradas “raças superiores” alegavam um objetivo sobretudo “assistencialista”, sendo “a colonização uma forma de assistencialismo, de educação e de tratamento moral” que retiraria os negros africanos daquilo que os mandatários caracterizavam como inata condição de “idiotia”, “espírito de crueldade” e “funcionamento anárquico das [chamadas] ‘tribos indígenas’”, conforme denuncia o historiador e cientista político de Camarões, Achille Mbembe (2014, p. 117).

A suposta ação missionária impôs categoricamente o modelo universal de civilização aos considerados africanos pagãos, introduzindo assim a primeira classificação binária para com os povos colonizados: “o europeu o sujeito do processo civilizador e o africano seu objeto”, partindo da premissa que era fundamental desestruturar suas cosmogonias para substituí-las pelas de ordem universal (CABAÇO, 2009, p. 84). É importante destacar também que essa classificação binária eurocêntrica entre superiores/inferiores foi inicialmente imposta mais significativamente a partir das

diferenças fenotípicas – isto é, a expressão externa da diferença ‘racial’ – que envolvem cor de pele, cabelo, forma dos olhos etc., sendo essa formulada como “natural/biológica”, quando na verdade trata-se de algo construído subjetivamente e socialmente (QUIJANO, 2009, p. 113). Já nos séculos XIX e XX, outras características igualmente serão agregadas, como a forma do rosto, o tamanho do crânio, o tamanho do nariz etc.

Em face das diferenças no modo de vida, trabalho, língua, espiritualidade etc., a lógica colonial europeia, estabelecendo-se como central e hegemônica e partindo de uma tradição da metafísica ocidental<sup>3</sup>, excluiu totalmente os povos africanos do sentido de humanidade, negando, silenciando e alijando suas cosmovisões, epistemologias e valores éticos, acarretando no que hoje denominamos epistemicídio orgânico com largas dimensões e consequências<sup>4</sup>.

À mulher negra, em especial, foram atribuídas várias imagens de controle e opressão, cristalizadas por séculos. Collins (2019) pontua a condição de serva fiel e absolutamente subordinada como uma das principais imagens de controle a que a mulher negra foi submetida, a sexualidade desviante e a coisificação de seus corpos também são marcantes no pensamento masculinista branco. No Brasil, Leda Maria Martins (1996) vai destacar que, não só nas cenas literárias, mas em toda indústria cultural – que são reflexos do vivenciado na sociedade – três modelos de ficcionalização predominam significativamente sobre o corpo feminino negro, deixando cristalizadas significações que perduram até hoje: a primeira é a figura da “mãe preta”, a amável e carinhosa mãe de leite e cuidadora da criança branca, aquela que é obrigada a deixar seu filho em segundo plano para depositar toda sua energia e devoção à criança branca; a segunda figura é a da empregada doméstica, muito comum nas representações hegemônicas da historiografia literária canônica, bem como nas representações televisivas, elas são “uma força bruta assexuada”, sempre a serviço do lar, aquela que é conhecida como “quase da família”, imaginário e exploração que se perpetua até hoje. A terceira figura, amplamente difundida também, é a da mulher mulata, a objetificada pelo corpo, a hipersexualidade, erotizada o tempo todo masculinidade.

Pensando no processo de coisificação dos corpos femininos negros, vale recordar a situação ultrajante a qual a africana Saartje Baartman foi submetida no início do século XIX, quando após coagida a ir à Europa numa gaiola, foi utilizada de forma animalizante como “atração de circo” por muitos anos, onde o público, muitas vezes, defrontava um “corpo negro” pela primeira vez, acreditando-se todos como iguais. Isso reflete a desumanização a que esses corpos eram submetidos, considerados, na ontologia ocidental, como não-humanos, selvagens, à medida que se afastavam das definições prescritas como humanas de “masculino, branco, rico, heterossexual, cristão”. A forma como a estigmatização era endossada, utilizando-se de um corpo negro para generalizar todos,

também reflete a ideia europeia de desejar distinguir para rebaixar e nos remete a muitos pensamentos cristalizados que ainda existem acerca da mulher negra como necessariamente corpulenta e hipersexualizada e pervertida (SAUNDERS, 2017, p. 111). Após a morte de Baartman, suas partes íntimas foram cortadas de seu corpo e ficaram em exposição no Louvre, em Paris, até 1974, em apelo ao corpo “exótico” da mulher negra. Saartje na contemporaneidade é símbolo da exploração sexual e do racismo colonial, bem como da ridicularização em que as mulheres negras eram submetidas, quando muitas vezes foram (como ainda são com outras proporções e configurações) absolutamente objetificadas.

Desdobrando sobre isso, a pensadora negra Florentina Souza refletirá sobre os impactos dessa desumanização na vida psíquica de pessoas negras, como ressoam na construção de sua autoimagem:

A reprodução cotidiana desse tipo de representação, além de interferir na construção da autoimagem e da autoestima, gera uma vivência neurotizante, uma vez que, a todo momento, o indivíduo precisa estar contestando e lutando contra a imagem de si mesma, cristalizada no imaginário da sociedade está em seu próprio imaginário. Por outro lado, essa repetição pode funcionar como mecanismo de defesa para alguns que, vivendo uma ambiguidade neurótica devido às imposições sociais, inconscientemente tendem a confirmar o estereótipo ou acreditar que outros negros (exceto eles) correspondem à representação inferiorizante. (SOUZA, 2006, p. 56)

Para contrapor este lugar de objetificação, de “outridade”, faz-se necessário ser sujeito de si, “erguer a voz”, promover uma autodeterminação por meio de agenciamentos negros artísticos, culturais e educacionais, desconstruindo, assim, essas representações impositivas e os seus desdobramentos na indústria cultural, e então confrontar o seu estatuto de “verdade absoluta” e seu lugar de poder. Bell hooks vai ressaltar que encontrar a voz é um ato de resistência:

Falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres definidos e interpretados pelos outros. (HOOKS, 2019, p. 45)

O contradiscurso será, portanto, uma manifestação de resistência e desejo de estabelecer identidades positivas com sua negritude (KILOMBA, 2019, p. 237), aspecto

rasurante nas estruturas daquilo que sempre foi tido como verdade paradigmática. O ato da escrita está, portanto, intimamente ligado a esta transição de lugar de objeto para sujeito, pois escrever é contar sua própria realidade, sua própria história, sua própria identidade e desenvolver processo de descolonização mental (FANON, 2008). Sobre isso, Grada Kilomba (2019, p. 28) defende que “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais, tornando-se o/a escritora/escritor ‘validado/a’ e ‘legitimado/a’ e, ao reinventar a si mesmo/a, nomeia uma realidade diferente que fora nomeada (...)”.

O exercício da escrita de si e a rasura das representações impostas pelos centros hegemônicos reelaboram os dados históricos e culturais africanos e afrodiaspóricos vilipendiados e silenciados ao longo dos séculos pela ocidentalidade, para então recontá-los com um desenho identitário positivo e construtivo para si e seu grupo. Collins (2019) também vai investir na importância da autodefinição como ato de fortalecimento e transgressão à norma colonizadora, quando defende que:

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma AUTODEFINIÇÃO sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que define as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (COLLINS, 2019, p.115)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, “erguer a voz”, falar de si e de suas demandas cotidianas, autodefinir-se, contrapor-se e empoderar-se<sup>5</sup> é um processo de libertação<sup>6</sup>, de transcendência às imagens de controle e estereótipo, com largas e significativas implicações políticas e sociais.

Essa rasura e essa autodefinição é um exercício que muitas mulheres negras escritoras têm enveredado, uma vez que trazem em suas escritas novas significações aos corpos e as figurações da mulher negra, destoando dos estigmas construídos e perpetrados pelas representações tradicionais e “autonomeando-se” (MARTINS, 1996). Felwine Sarr, em sua recente obra *Afrotopia*, comenta que curar a “consciência ferida passa por um





trabalho com a linguagem” (2019, p. 94), autorresponsabilização e rompimento com “as denominações limitantes, mutilantes, reducionistas que tendem a confinar a uma definição deficiente da própria realidade”. É nesta lógica que é possível propor, por exemplo, que para pensar a nossa Literatura, a articulação entre as noções de Escrevivência (EVARISTO, 2007) / Autorrepresentação (HOOKS, 2019) / Autoidentificação (COLLINS, 2019), Descolonização (KILOMBA, 2019) e outros operadores analíticos que emergem desse contexto e aparecem como elementos fulcrais no processo resistência a estes modelos representacionais que silenciam, negam e desfavorecem aquilo que fora objetificado, pois insurge de um sujeito, antes objetificado, e de sua experiência singular, mas também agrega um agenciamento coletivo de enunciação daqueles que também viveram em comum o processo de opressão e objetificação, promovendo assim uma revolução molecular (DELEUZE, 1995).

## REFERÊNCIAS

Ayoh'OMIDIRE, Félix. **YoruBaianidade**: Oralitura e matriz epistêmica nagô na construção de uma identidade afro-cultural nas Américas. 1. ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2020.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. 1ª ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique**: identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. **Não volto a escrever**. Basta. Entrevistador: José Maria Remédios, em 11 de julho de 2016. Disponível em: [http://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/#gs.v\\_K1\\_kA](http://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-nao-volto-escrever-basta/#gs.v_K1_kA). Acesso em: 9 de janeiro de 2017.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, mulher...por uma nova visão do mundo**. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamile Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo, Boitempo, 2019.

\_\_\_\_\_. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. In: **Cadernus Pagu**, n.51, 2017.

DELEUZE, Gilles, GUATTARRI, Felix. Introdução: rizoma. In: DELEUZE, Gilles, GUATTARRI, Felix. *Mil platôs*: capitalismo e esquizofrenia. Trad. Aurélio Guerra Neto, Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DIOGO, R. E. G. **Paulina Chiziane**: as diversas possibilidades de falar sobre o feminino. In: **SCRIPTA**. Belo Horizonte, v. 14, n. 27, pp. 173-182, 2º sem. 2010.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: Teorias, Práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira Salvador: EDUFBA: 2008.

FREITAS, Henrique. **O arco e a arkhé**: ensaios sobre literatura e cultura. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOOKE, Bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. 1ª ed. São

Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Stephanie Borges. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2019.

JAMES, G. M. **Legado Roubado**. Trad. de VA, E.U.: United Brothers Communications Systems, 1989.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação** – episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider: ensaios e conferências**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MARQUES, G. B. Reaprender a História. In: **Revista Terceiro Mundo**, nº 58. Moçambique, nov. 1983.

MARTINS, Leda Maria. O feminino corpo na negrura. In: **Revista de Estudos de Literatura**. Belo Horizonte, v. 4, outubro de 1996, p. 111 – 121.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. In: **Estudos Afro-asiáticos**, Ano 23, nº1, 2001, p. 171-209.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Trad. de Marta Lança. Lisboa: Antígona Editores, 2014.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica** – biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMPLÉ, Lília. A mulher escritora e o cânone. In: **Mão-de-ferro**, Ana Maria (org). A mulher escritora em África e na América Latina. Évora: Editorial Num, 1999.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A invenção de África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Luanda: Edições Pedagogo; Edições Mulemba, 2013.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2009.

RAMOSE, M. **Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana**. Trad.de Rafael Medina Lopes, Roberta Ribeiro Cassiano Dirce Eleonora Nigro Solis. Rio de Janeiro: Ensaio Filosóficos, v. IV - outubro 2011, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** 1ª ed. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pelas Mãos de Alice**. O Social e o Político na Pós-Modernidade. 7ª. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SAR, Felwine. **Afrotopia**. 1. ed. Trad. de Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1edições, 2019.

SAUNDERS, Tânia. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. In: **Periodicus**. n.7, mai./out. 2017.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendente em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

SOUZA, Lívia M. N. **Intelectuais negras e racismo institucional: Um corpo fora de lugar**. Revista ABPN, v. 10, p. 748-764, 2018.

SOMÉ, S. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar**. São Paulo: Odysseus, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985].





Título em inglês:  
**BLACK WOMEN RAISING THEIR VOICES**

**I N V E N T Á R I O**

---

<sup>1</sup>O agenciamento é sempre algo coletivo, que conecta, associa os diferentes em cofuncionamento pela existência de circunstâncias e posições que lhes são conferidas historicamente. É marca do agenciamento a heterogeneidade, as multiplicidades (DELEUZE & GUATARRI, 2014). É nessa perspectiva que a escrevivência agencia coletivamente, pois articula e interconecta diferentes vidas em diversos tempo-espacos, conectadas pelo secular silenciamento e pelo desejo de expressar aquilo que a ideia de representação negou e recalçou.

<sup>2</sup> Falas retiradas de entrevista concedida a Entrevista concedida a Juca Guimarães, no Jornal Brasil de Fato [versão digital] em 20 de novembro de 2018.

<sup>3</sup> Em que se concebe o ser humano como sujeito que possui racionalidade (razão) e linguagem.

<sup>4</sup> O epistemicídio tem vários tentáculos. Parte da desumanização, da negação da racionalidade, da sua história e de suas epistemologias e culturas, mas também reverbera sumariamente na história, como uma bola de neve, alcançando os dias atuais, seja no largo período de negação da cidadania e educação dos negros e negras na diáspora, bem como, por conta disso, o anulamento das melhorias socioeconômicas, notórias até hoje, afastando-os do processo de formação intelectual e aproximando-os do desemprego, da baixa remuneração, dos vícios e a marginalidade, que envolvem também um processo de necropolítica (MBEMBE, 2018) e extermínio que assomam as periferias. Não se pode esquecer nem subestimar as ditaduras culturais e estéticas da branquitude, que fomentam e tendem a continuar simbolicamente matando e negando os afrodescendentes. O período de MAAFA e genocídio também fomentou o epistemicídio, pois impossibilitou de desenvolverem e/ou construir epistemes, pois, em vez disso, foram submetidos, sequestrados e mortos para fins da escravidão.

<sup>5</sup> Empoderamento será entendido aqui como uma forma de enfrentar as formas de opressão, reconstruir as bases sociopolíticas validadas pelos micropoderes, autoaceitar e ressignificar as ancestralidades culturais e estéticas herdadas e, enquanto sujeito, criar formas de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (BERTH, 2019).

<sup>6</sup> Estes cruciais processos de autodefinição (COLLINS), autorresponsabilização (SARR), libertação e desalienação (FANON) envolvem também, senão sobretudo, tornar-se sujeito de seu próprio discurso filosófico e científico, é partir do que o filósofo congolês Yves Mudimbé muito bem descreve e resume como “para nós, africanos, adentrar na ciência, começando pelas ciências humanas e sociais e abarcar as tensões, reanalisar por nossa conta os contingentes pontos de apoio e os locais de enunciação, saber qual nosso sentido e qual via propor a nossas pesquisas para que nossos discursos justifiquem como existências singulares engajadas no seio de uma história...” (2013, p.35).